Visão antropológica e Bioética

Vivemos num momento histórico marcado “pela incerteza” e, em virtude disso, nos deparamos com crescentes fundamentalismos e relativismos nas várias áreas do conhecimento humano. A reflexão bioética não ocorre alheia a esse contexto maior que a condiciona. Uma das causas que faz com que o fundamentalismo cresça na área bioética é o não trabalhar e, consequentemente, negligenciar a questão antropológica fundamental: “*quem é o ser humano*”. Essa é a pedra fundamental sobre a qual se fundamenta todo e qualquer paradigma bioético, no seu conteúdo e teoria, bem como nas suas opções concretas.

Temos como desafio tentar colocar juntas as ciências que lidam com o ser humano, elaborando um mapa das antropologias relevantes para a bioética.

No Programa de Pós-Graduação (Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado) do Centro Universitário São Camilo, a integração das vivências humanas com as tecnociências tem sido incentivada desde o início das atividades da Pós-Graduação, contando, hoje, especificamente, com as disciplinas: Bases Antropológicas da Bioética, Bases Sociológicas da Bioética e Correntes Filosóficas na Ética.

Os docentes dessas disciplinas atuam no sentido de subsidiar a formação do bioeticista e, ao mesmo tempo, como ponte para a integração da bioética na antropologia, na sociologia e na filosofia.

De modo geral, podemos distinguir as antropologias em teocêntricas e antropocêntricas. As *antropologias teocêntricas* ou *transcendentais* (o ser humano como um ser espiritual) incluem as principais religiões da humanidade, sejam do ocidente ou do oriente. No cristianismo, a “eminente dignidade do ser humano” é consequência de sua filiação divina, como criatura “imagem e semelhança de Deus”.

Hoje, em muitos ambientes acadêmico-científicos, ainda prisioneiros de um positivismo decadente, predominam as chamadas antropologias secularistas. Podemos falar de cinco categorias de respostas à questão antropológica: 1. A *visão positivista-empírica*, cuja imagem e ideia do ser humano é o que é observável e testável pelos métodos das ciências naturais (homem máquina); 2. A *visão psicológica-behaviorista*, que enfatiza a subjetividade humana, isto é, uma combinação de sentimentos, intuições e experiência emocional (homem como um ser de sentimentos e emoções); 3. A *visão filosófica* (homem como ser pensante), que privilegia a razão humana para captar a realidade da vida moral e deduzir o bem para o ser humano; 4. A *visão utilitarista pragmática* (*homo faber*), em que o homem, enquanto ser, cria coisas novas e é capaz de transformar o meio em que vive; 5. A *visão economicista* (*homo economicus*), em que o homem, enquanto ser, é capaz de produzir e acumular riquezas.

O diálogo e o respeito pelas diferenças entre essas antropologias é a condição *sine qua non* para não cairmos em fundamentalismos, seja de ordem teológica, filosófica, ou científica. Num contexto marcado pelo pluralismo, é necessário cultivar uma sadia *visão secular*, que evite secularismo (= fechamento no mundo imanente). Toda antropologia, no fundo, assume algum aspecto essencial da existência humana. A diferença em cada visão é sua contribuição para o melhor entendimento do todo. Embora possamos ser céticos em conseguirmos um conceito englobante do que constitui a essência de nossa condição humana, enquanto humanidade, precisamos chegar pelo menos a algum acordo em relação ao que é fundamental e essencial em nossa humanidade e que valores éticos deveríamos salvaguardar e proteger em nossas normas jurídicas e políticas públicas.

Nessa perspectiva, no âmbito dos cuidados de saúde, podemos falar de um paradigma antropológico biopsicossocial-espiritual. Esse modelo não é um dualismo em que a alma acidentalmente habita um corpo, como, por exemplo, na visão platônica, que o ser humano, fundamentalmente, é considerado uma alma encarcerada. Nesse modelo, as dimensões biológica, psicológica, social e espiritual constituem distintos elementos da pessoa, e nenhum desses aspectos individuais deveria ser desrespeitado em relação ao “todo” (*wholeness*) da pessoa (p. 128)¹.

Perante a hegemonia do fator econômico, o chamado economicismo, em todas as dimensões da vida humana,

não podemos esquecer que as coisas têm preço, mas as pessoas possuem dignidade (Kant), que precisa sempre ser reconhecida e respeitada. Que Deus nos livre do cinismo, muito a gosto de certos gestores insensíveis que “sabem o preço de tudo e o valor de nada” (Oscar Wilde).

Agradecemos a todos os autores pelos trabalhos enviados e, em especial, ao proeminente bioeticista Prof. Tristram Engelhardt Jr pela confiança de sua obra a nós, para publicarmos em nossa revista. Isso será feito sequencialmente a partir desta edição, na seção especial “artigos em série”, que será dividida em 9 partes.

Leo Pessini*

William Saad Hossne**

REFERÊNCIA

1. Sulmasy DP. The Rebirth of the Clinic: An Introduction to Spirituality in Health Care. Washington DC: Georgetown University Press; 2007.